

Memórias dos Idosos Quilombolas do Matão/PB: Narrativas para o desenvolvimento de práticas de ensino

Marta Oliveira Barros
João Batista Gonçalves Bueno

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BARROS, M. O., and BUENO, J. B. G. Memórias dos Idosos Quilombolas do Matão/PB: Narrativas para o desenvolvimento de práticas de ensino. In: ARANHA, S. D. G., and SOUZA, F. M., eds. *Práticas de ensino e tecnologias digitais* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2018, pp. 469-498. Ensino e aprendizagem collection, vol. 3. ISBN: 978-85-78795-26-9.
<http://doi.org/10.7476/9786586221657.0016>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

MEMÓRIAS DOS IDOSOS QUILOMBOLAS DO MATÃO/PB: Narrativas para o desenvolvimento de práticas de ensino

Marta Oliveira Barros¹
João Batista Gonçalves Bueno²

Introdução

Este artigo discute trechos da pesquisa que resultou na dissertação de mestrado de Marta Oliveira Barros, do Programa de Formação de Professores da Universidade

-
- 1 Graduada em Licenciatura Plena em Geografia e Pedagogia, pela Universidade Estadual da Paraíba, especialista em Educação de Jovens e Adultos, com Ênfase em Economia Solidária, pela Universidade Federal de Campina Grande, e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP/UEPB). Atualmente é professora nos municípios de Lagoa Seca e Queimadas no estado da Paraíba, além de colaboradora da especialização em Educação de Jovens e Adultos, com Ênfase em Economia Solidária (UFCG). barros.marta21@gmail.com
 - 2 Graduado em História e Doutor em Educação, Professor Adjunto do Departamento de História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Pertence ao quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Formação de Professores da UEPB e ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). joaobgbueno@hotmail.com

Estadual da Paraíba e que foi defendida em 2016. Essa pesquisa tinha como objetivo investigar e problematizar como as memórias de idosos da comunidade quilombola do Matão-PB³ poderiam ser utilizadas nas escolas básicas, em especial na E. M. E. F. José Rufino dos Santos, para o desenvolvimento de atividades didáticas de História e Geografia. Marta partiu da necessidade dos moradores mais velhos da comunidade, que ansiavam que a escola participasse de uma campanha para a produção de referências identitárias para os jovens estudantes. Os quilombolas precisam permanecer morando em suas terras, caso contrário eles podem perder o direito a ela. Por isso, os residentes do povoado percebiam que a falta de identidade dos jovens com sua raça e com as tradições quilombolas provocava nos jovens o desejo de migrar para outros lugares ou centros urbanos mais desenvolvidos. Marta, procurando contribuir para a resolução desse problema, iniciou sua pesquisa realizando entrevistas com idosos do local, registrando as memórias que faziam parte da História desse lugar.

Após ter colhido muitos depoimentos, Marta propôs encontros com os professores da escola fundamental do vilarejo. E, este foi o momento em que ela apresentou as narrativas dos idosos, sugerindo que as docentes elaborassem formas de uso e atividades didáticas partindo dessas

3 Segundo BARROS (2016), “a denominação Matão se refere a uma área bem mais ampla que a comunidade de remanescentes quilombolas, a qual se estende da fazenda Matão, que se localiza próxima ao município de Ingá- PB. Este espaço é conhecido pelos habitantes da comunidade como ‘Matão de Dona Rosita’. Já o espaço que ocupa a comunidade Quilombola é conhecido na região como ‘Matão do Negros’”. (2016, p. 38-39).

memórias. As professoras da escola fundamental acharam mais conveniente construírem sequências de temas étnico - raciais locais, os quais poderiam ser encaixados nos currículos oficiais da escola. Essas sequências de conteúdos produzidas pelas professoras seriam estudadas durante o semestre letivo e serviriam para despertar discussões sobre o lugar onde os alunos residiam. A ideia era a de que as memórias dos idosos do local passasse a fazer parte dos conteúdos de estudo da escola. Assim, por meio delas as professoras poderiam trabalhar questões que se referiam ao sentimento de identidade local, tanto da raça negra como do espaço territorial quilombola. Estas atividades resultaram, também, na ideia de criação de significados para o estudo das disciplinas de História e de Geografia do lugar, valorizando, portanto, as histórias, as culturas locais e os espaços geográficos desta comunidade quilombola.

Considerando esse contexto, a pesquisadora partiu dos seguintes questionamentos: como os professores dos ensinamentos fundamental poderiam utilizar os depoimentos de idosos para a produção do conhecimento escolar? Como esses docentes utilizariam esses tipos de fontes históricas nas salas de aula? Como as teorias pedagógicas poderiam contribuir para a elaboração de atividades didáticas com relatos memoriais em sala de aula? Quais as necessidades destes professores para aperfeiçoar suas aulas quanto às temáticas: comunidade, memória, trabalho e identidade? Como as universidades poderiam contribuir para a efetivação de práticas escolares que dão ênfase a produção do conhecimento escolar relacionados as disciplinas da História e da Geografia local e regional?

No transcorrer do desenvolvimento de sua investigação Marta percebeu que as práticas de rememorar histórias do passado estavam vinculadas às experiências de vida dos idosos do Matão. E ao constatar isso, passou a utilizar como referenciais teóricos as ideias de Walter Benjamin (1994) que acreditava que o ato de narrar e rememorar atuava no processo de formação histórica das sociedades.

Buscou, então, construir problematizações sobre as formas de pensar as seleções de conteúdos curriculares das escolas básicas. E, notou que a sequência de assuntos que eram estudados nas escolas quilombolas se fundamentavam nos livros didáticos, os quais apresentavam concepções eurocêntricas. Assim, os conteúdos disciplinares que eram trabalhados pelas professoras concentravam-se em abordagens generalizadas e, por isso, distantes da realidade vivida pelos alunos quilombolas. Isso reduzia a possibilidade de elas desenvolverem discussões em sala de aula sobre as questões raciais presentes na comunidade. Além disso, limitavam as formas de percepção dos estudantes sobre suas condições de vida e sobre o mundo que eles vivem.

Como já nos referimos, as professoras desta escola quilombola, utilizavam apenas os currículos oficiais expostos nos livros didáticos, e por isso, não conseguiam abordar os temas locais. Ao perceber isso, Marta procurou discutir as concepções dos currículos, destacando a importância da introdução de conteúdos que valorizassem saberes locais ou regionais. Fez isso, pois acreditava que por meio deles era possível criar processos de ensino que considerassem perspectivas interculturais e que partissem das concepções de descolonização do saber e poder. Reconheceu, então, que as memórias dos idosos da comunidade do

Matão tratavam de distintos temas, os quais possibilitavam a criação de atividades didáticas que poderiam positivar as experiências, as sensibilidades e as tradições dos negros e das mulheres quilombolas do Matão.

Percebeu também que essa pesquisa poderia contribuir para as escolas quilombolas de diferentes locais do Brasil. Pois, essas múltiplas comunidades, semelhantemente, enfrentaram processos violentos de apagamentos culturais, os quais dificultam suas lutas para a construção das suas identidades enquanto grupos sociais.

Dessa maneira, acreditamos que é muito importante desenvolvermos estudos que valorizem a diversidade social brasileira, porque, por meio deles são possíveis a criação de perspectivas que possam trazer a luz saberes que, até a poucas décadas atrás, eram considerados primitivos, inválidos e fadados à extinção. Entendemos que esta pesquisa auxiliou para a revelação de que os saberes subalternos resultam da reelaboração de diferentes significações e tradições, bem como, possibilitam uma compreensão do mundo de forma muito mais ampla.

Todas as análises de depoimentos produzidas neste artigo partem de leituras dos registros orais dos idosos da comunidade do Matão-PB, e suas interpretações foram feitas à *contrapelo* (BENJAMIN, 2012), e tem confirmado a ideia de que os processos de exploração econômica sofridos na Paraíba alteraram as vidas dos sujeitos, provocaram mudanças dos seus costumes e modificaram suas práticas de trabalho. Utilizamos também como aportes teóricos para o desenvolvimento dessa pesquisa as concepções dos seguintes autores: E.P.Thompson; S. Hall; E.Dussel e A.Quijano.

Refletindo sobre os currículos escolares

Quando pensamos currículos multiculturais para o ensino de História e Geografia nos defrontamos com diferentes problemas que revelam os embates e os conflitos que se estabeleceram entre as culturas brancas, indígenas e negras, ou seja, as chamadas culturas dominantes na relação com as subalternas. Por isso, dentre as muitas possibilidades de adentrarmos nesta discussão, proponho inicialmente as seguintes indagações: como, a partir dos conceitos de descolonização do saber e do poder, podemos enfrentar os processos de organizações de conteúdos curriculares que estabelecem hierarquizações e apagamentos culturais e de identidades das comunidades indígenas e negras? Quais as possibilidades de realizarmos construções das Histórias regionais e locais, de forma que essas contribuam para a criação de visões afirmativas em relação a diversidade cultural e étnico-racial? E, como estabelecer os diálogos entre as histórias locais e regionais com as gerais que tratam da nação como um todo?

Neste texto não pretendemos esgotar todas as possibilidades de respostas que essas questões suscitam, pois, compreendemos que estes temas são complexos e podem ser abordados de diferentes perspectivas. Esperamos, no entanto, oportunizar a criação de visões que positivem experiências, sensibilidades e tradições dos grupos sociais representados por negros e índios do estado da Paraíba, que historicamente foram desvalorizados e submetidos a lugares sociais subalternos. Nossos estudos tem revelado que os saberes subalternos locais do estado da Paraíba, bem como as formas como se estruturam as relações de poderes locais resultaram da reelaboração de

diferentes significações e tradições, e além disso, possibilitaram uma compreensão do mundo que se distancia das práticas racionais e homogeneizadoras da modernidade capitalista.

Sabemos que, até os dias de hoje, na segunda década do século XXI, os currículos do ensino de História e Geografia das escolas básicas brasileiras têm privilegiado as construções historiográficas de cunho eurocêntricas, e isso não é diferente no estado da Paraíba. Por isso, permanecem ainda hoje os tipos de abordagem que privilegiam as relações dicotômicas, as quais hierarquizam como dominantes as culturas de etnia branca sobre as culturas subalternas indígenas e negras. Como consequência a organização dos conteúdos escolares mantém a forma tradicional que apresenta as populações negras e indígenas como minorias primitivas e não-civilizadas, ou então, como populações vulneráveis e injustiçadas. Sendo assim, esta parcela da população requer do estado que sejam adotadas políticas afirmativas que buscam reduzir a desigualdade e a injustiça.

No Brasil este tipo de política foi iniciado após as promulgações da Lei nº 10.639/03 e da lei nº 11.645/2008, que estabeleceu que os currículos de ensino da História e de outras disciplinas das escolas básicas passassem a contemplar as temáticas relativas ao estudo das Culturas Afro-brasileiras, Africanas e indígenas. Também foi a partir dessas leis que o estado lançou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Estes textos legais foram produzidos pelo estado e propuseram que os professores das escolas básicas desenvolvessem ações educativas positivas que valorizassem os saberes, as experiências e as tradições das comunidades

originárias e negras. Esses documentos tiveram claramente o objetivo de valorizar ações afirmativas étnico-raciais, compreendendo que o modelo de educação intercultural pode ser produzido por relações horizontais entre as diferentes culturas. Ou seja, visões interculturais não se produzem por meio de superposições ou hierarquizações de uma cultura dominante sobre as culturas subordinadas, e, portanto, estas últimas não são o resultado das assimilações dos valores, das práticas e dos comportamentos da cultura dominante. Assim, o problema da educação étnico-racial não é uma questão exclusiva das populações originárias e negras, mas se estende a todos os setores da sociedade.

Outra questão que é importante quando discutimos os currículos das escolas básicas se refere a como os conteúdos étnico-raciais são apresentados nos livros didáticos. Os livros didáticos ainda apresentam os negros somente como escravos até o século XIX e os povos originários como seres primitivos, ou então, como sujeitos que são desprovidos de saberes e por isso foram dominados pelos brancos no momento da colonização portuguesa. Desprezam, portanto, toda a historicidade desses povos.

Por força dessas leis, citadas acima, no Brasil os currículos oficiais e os livros didáticos foram obrigados a considerar as diferenças étnico-raciais existentes no processo de formação populacional. Nesse sentido, acreditamos que a educação formal das escolas quilombolas podem ter um papel significativo para auxiliar os estudantes a fazerem releituras da história e cultura das populações negras que vivem no Brasil. Sendo a escola o espaço educacional onde as práticas culturais e costumes da etnia negra e indígenas podem ser valorizados e positivados.

Foi no desenrolar desta pesquisa que percebemos que as práticas do esquecimento e/ou da inferiorização da história e da cultura dos sujeitos quilombolas do Matão-PB, são comuns e isto têm fortalecido atos de preconceito e de racismo. E, constatamos que essas questões nunca aparecem formalmente na educação básica, pois as professoras como não pertencem a comunidade, por falta de conhecimento dificilmente trabalhavam em sala de aula com aspectos da história e da cultura dessa comunidade.

Os caminhos da pesquisa

Ao propormos essa investigação oportunizamos que os estudantes da comunidade quilombola de Matão pudessem criar ressignificações sobre suas identidades como negros, valorizando os seus saberes e suas tradições. Foi por meio das lembranças dos idosos que residiam no mesmo local onde os estudantes moravam que trabalhamos os conceitos de suas identidades. Esses estudos foram baseados nas concepções teóricas dos estudos Hall (2014), que entende que este conceito está sempre em movimento e sua construção vai se dando com o passar do tempo.

Destacamos que os idosos quilombolas demonstraram muito prazer ao narrar suas lembranças, e isso nos fez compreender como eram importantes os seus saberes e suas experiências vividas para a formação da identidade cultural da comunidade de Matão. Acreditamos nisto, pois alguns dos depoimentos que registramos expressavam as formas de resistência à opressão cultural que foram impostas a esses negros no passado. Sendo possível reconhecermos que essas formas de tratamento entre

raças são correspondentes aos preconceitos que os negros ainda são submetidos nos dias atuais.

Para a realização deste estudo partimos da metodologia de pesquisa da história oral (Delgado, 2006; Marcuschi 2013), propondo as três etapas de pesquisa como forma de aprimorar as fontes: a colheita de dados, a transcrição e finalmente a análise e interpretação das entrevistas. No ano de 2015 realizamos diversas entrevistas semiestruturadas, as quais foram gravadas e em seguida transcritas. E, a partir daí, passamos a discutir as formas possíveis de suas interpretações. Somamos um total de seis horas e trinta minutos de gravações, porém neste artigo nos limitaremos a citar apenas alguns trechos mais significativos das falas dos idosos. Neste texto tivemos como intuito a preservação das identidades dos depoentes, e por isso, optamos por nomear cada idoso por um nome de um orixá africano. Fizemos isso para estabelecermos relações com as divindades do candomblé, pois, praticamente essa religião de matriz africana desapareceu nesta comunidade. No caso deste artigo utilizamos os seguintes nomes: Iansã, Ogum, Oxum, Oxalá e Xangô.

Pudemos, partindo das memórias dos idosos, dar destaque a diferentes saberes dos negros quilombolas desta comunidade. Para fazermos isso iniciamos o trabalho com os professores e com os alunos da escola, apresentando-lhes o seguinte trecho do depoimento da senhora Oxum:

Ela pegava os meninus, ela era parteira. Ainda ela pegou, o que...uns 4 ou 5 mininu meu. Eu tive em casa mermu porque num dava tempo... atraí de arrumar uma pessoa que

tivesse o carro pra vim, pra vim buscar num dava tempo. Tinha in casa mermu e ela fazia o parto nomalmente. É aquela minha irmã que mora im frente ao colégio e que é merendeira. (entrevista realizada com a senhora Oxum, setembro de 2015, Matão/PB); (BARROS, 2016.p.50).

Apoiados neste depoimento foi possível trabalharmos que até o final do século XX existiam mulheres nesta comunidade, as parteiras que auxiliavam no nascimento das crianças do Matão. Esse trabalho de saúde coletiva não é mais praticado neste povoado, pois os partos hoje em dia são realizados em maternidades nas cidades vizinhas. Por isso, muitos dos estudantes e as professoras da escola da comunidade de Matão desconheciam a existência dessas mulheres e isto fazia com que eles não reconhecessem que existiam diferentes saberes no lugar onde eles residiam ou lecionam.

Essas parteiras, ao exercerem essa função, necessitavam possuir diferentes conhecimentos sobre os processos de gestação, do parto e do pós-parto. Destacamos que essas mulheres, na maioria das vezes, se utilizavam dos saberes da experiência, relacionados a aplicação de métodos da medicina popular, os quais fundamentava-se em saberes ancestrais de uso de ervas, de rezas e outras tradições religiosas.

Foi baseado no depoimento da senhora Oxum, que pudemos compreender que esse trabalho tinha muita importância na comunidade e por isso, era muito valorizado no passado. Acentuamos para as professoras que

não faziam muitos anos que essas práticas tinham acabado nesta comunidade, pois o depoimento da idosa era relativo às décadas de 1950 até 1980. No povoado de Matão, entre esses anos, não haviam programas estatais de assistência médica, dificultando que casos de urgência pudessem ter algum atendimento em hospitais das cidades vizinhas. Somado a isso, apontamos que existiam dificuldades de locomoção dos cidadãos que compunham essa comunidade, pois a pobreza das pessoas excluía a possibilidade de elas possuírem meios de transporte motorizados. E, por isso, essas parteiras exerciam um papel fundamental para a saúde local, sendo as responsáveis pelo bem-estar das parturientes e das crianças que nasciam neste local.

Além disso, sabemos que as profissões da área de saúde são muito valorizadas nos dias de hoje e assim passamos a questionar junto as professoras: E as parteiras do Matão? Será que suas experiências e saberes não tinham correspondências com as atividades dos médicos?

Entendemos que estes saberes e experiências faziam parte da história de vida das mulheres, dos homens e das crianças do Matão, e essa memória da senhora Oxum poderia estimular a curiosidade dos alunos e contribuir para valorizar aspectos da cultura desse lugar. Em vista disso, concordamos com Paulo Freire (2014) quando ele assevera que:

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a

que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade (FREIRE, 2014, p.83); (apud. BARROS, 2016, p.51).

Nesse sentido, entendemos que quando o professor lança mão das memórias de idosos, oportuniza que essas lembranças sejam apropriadas como conhecimentos, despertando nos jovens estudantes questionamentos que contribuam para a construção de identidades do grupo social as quais elas pertencem. Por conseguinte, ao utilizarmos esse tipo de fonte documental é possível desenvolvermos processos de aprendizagem pautados em significados que podem auxiliar os sujeitos desse povoado quilombola a superar as barreiras que foram impostas historicamente.

Segundo Charlot (2000) existem três dimensões que fazem parte do processo de apropriação do saber e da aprendizagem, ou seja, deve-se desenvolver atividades de mobilização, de execução e de fazer o estudante sentir-se participante do processo de escolarização. Desta forma, entende-se que o estudante precisa de motivação e estímulo para querer aprender os conteúdos escolares. E as histórias narradas pelos idosos podem servir para isso.

Paulo Freire (2005) em suas pesquisas sobre métodos de ensino destacou que o processo de investigação temática ocorre por meio da construção de significados para os sujeitos que estão aprendendo, e por isso, esse recurso não pode ser visto de maneira simplificada como um ato mecânico. Ele se dá pelo encadeamento de séries de atividades de buscar o conhecimento, de investigar problemas e de construção de hipóteses.

Memórias de idosos quilombolas: possibilidades para o ensino de História e da Geografia.

É certo entendermos que o idoso, quando expressa suas lembranças, faz uma determinada releitura do seu passado. Os velhos têm ao criarem suas narrativas memoriais têm a possibilidade de refletirem sobre suas experiências de vida, sobre suas visões sobre os fatos ocorridos com eles no passado e, dessa forma, reinventar suas identidades. Por essa razão, as memórias dos idosos quilombolas possibilitam nas pessoas que tem acesso a elas a reelaboração de novas versões sobre suas próprias vidas.

Bosi (1994) afirma que, na maioria das vezes, lembrar não é reviver as experiências do passado, mas refazê-las, reconstruí-las, repensa-las com imagens e ideias de hoje. Por esse motivo, entendemos que as narrativas memoriais expressam reconstruções de vivências do passado, como podemos observar na fala do idoso Ogum:

Tinha a Fazenda Riacho Verde...
tinha tinha... a de Mané Borge, ele
tinha só uma fazenda só, mai tinha
muita terra, sabe? Chegava quase até
Itabaiana... tinha Major João Celém...
Naquele tempo... esse povo era major,
era coroné... era tudo... E a gente tra-
balhou nas terras desse povo tudim...
e outra, a gente era OBRIGADO a
trabalhar... Nesse tempo, agricultura
tava bem, chuvia... dava bem, os pai
de fãmia trabalhava com a família
toda, né? Em casa de ter dez, doze
trabalhava tudo junto, butava um

roçado grande como si di... lucrava bem... aqui, essas terras dava muito algodão, só que era pior do que hoje, ERA SUJEITO, sujeito a vender a eles... a vender a eles...avei eles comprava pelo menor preço e PAGAVA quando queria... todo final de semana, o pai de fãmia ia lá, ele dava um pedacim de dinheiro e avei passa o ano todo pa... pa... pagar. Por isso que esse povo não fizeram futuro de nada da agricultura, mode isso. (Entrevista concedida pelo Sr. Ogum à pesquisadora em junho de 2015, em Matão-PB); (BARROS, 2016, p. 69)⁴.

Nesse cenário, podemos analisar que embora Ogum mantenha a forma de tratamento aos fazendeiros como “coroné” e “major”, em seu testemunho, ele demonstra a revolta pela exploração do trabalho dos sujeitos de sua comunidade. Quando ele diz “por isso que esse povo não fizeram futuro de nada da agricultura, mode isso”, faz uma releitura da situação de opressão a que os negros eram submetidos pelos coronéis da região. Nesse caso, podemos utilizar essas lembranças para criarmos releituras críticas das maneiras com que os quilombolas eram reprimidos pelos fazendeiros.

Vemos, portanto, que as memórias dos idosos quilombolas podem oportunizar que os sujeitos expressem

4 Entrevista concedida pelo Sr. Ogum à pesquisadora em junho de 2015, em Matão-PB.

suas angústias e, principalmente, questionar a maneira pela qual as pessoas que viveram nesta comunidade eram excluídas e exploradas como força de trabalho.

De acordo com outro testemunho, o da idosa Iansã, os negros do Matão eram considerados diferentes dos outros habitantes que viviam nas cidades próximas à comunidade. Segundo suas declarações, quanto ela ia fazer suas compras na cidade, percebia como as pessoas ficavam olhando para ela, e isto a incomodava. “Óia, chegou a nega do Matão, vigi...”. A partir desta fala, percebemos como os remanescentes de quilombos do Matão eram discriminados. Sofriam racismo e preconceito pelo fato de serem negros e morarem na comunidade quilombola.

Ao apresentarmos para as professoras essas de narrativas, elas puderam elaborar questões que teriam como objetivo lançar discussões sobre o presente dos alunos, percebendo que essas práticas preconceituosas racistas permanecem até os dias de hoje. Como ressalta Halbwachs:

Diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Outro aspecto de uso da memória que utilizamos foi ressaltar que elas podem revelar formas de resistência à exploração do trabalho. A memória de resistência negra

que mais aparece nos textos na historiografia brasileira é a de Zumbi dos Palmares. Entretanto, muitas outras formas de resistência existiram ao longo da história. Ao apresentarmos o depoimento abaixo conseguimos trabalhar com as professoras essas questões. No depoimento do idoso Xangô, ele nos revela que existiam momentos de humilhação, repressão e medo para os negros quilombolas. Mas que ao mesmo tempo, existia o sentimento de revolta e de reconhecimento de que eles sofriam repressões por pessoas que se julgavam superiores:

Ói, moça, eu tava inspirando, fiquei com raiva e medo dele butar aquela vara... eu vi muita vei ele butar nas venta dos nego, vi muita vei. Pensando cumigo: “quando ele butar, eu pego e puxo”. Eu, naquele tempo, nego novo, ligero. Naquele tempo, eu era manero. Mai aquilo ali tinha gente arredor dele, os capanga dele pa gente num fazer nada. Era bruto dímai: “DE QUEM É PALU? DE QUEM? DE QUEM É PALU? ESSE ALGUDÃO?”. “É de um rapai do Matão, homi trabalhador”. “OTACILU É BRABO DO MATÃO, PALU? É, PALU? É O BRABO DE LÁ, É, PALU?”.

Este depoimento é importante para revelar que os negros não se submetiam facilmente as opressões dos fazendeiros brancos, e por isso, pode contribuir para a

valorização da raça e a construção do sentimento de identidade. Pollak, nos indica isso quando entende que:

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 05).

Assim, ao utilizarmos as memórias dos idosos quilombolas podemos positivar os processos de resistência racial e identitária, possibilitando a criação de processos de ressignificação cultural e histórica. Pollak, ainda afirma que:

Embora na maioria das vezes esteja ligada a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas,

assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante (POLLAK, 1989, p. 05).

Dentro desta perspectiva, o depoimento de Ogum pode ser utilizado para contextualizarmos essa visão:

Se antes a pessoa passou fome e hoje tá de barriga cheia, a pessoa deve lembrar... que passou fome antigamente, entendeu? Num é... quer dizer...se a gente for lembrar só do presente, a gente tem que lembrar do passado também. A gente somo adulto, devemos lembrar do tempo de criança... se fazia arte, se não fazia... eu lembro dos meus dez, doze ano... lembro de coisa ruim e de coisa boa também... avei isqueço, né?

Para Ogum, a memória é importante, pois é a partir dela que os quilombolas têm oportunidade de refletir sobre sua história. Quando o entrevistado diz: “Se antes a pessoa passou fome e hoje tá de barriga cheia, a pessoa deve lembrar... que passou fome antigamente”, sua fala remete à leitura do passado como necessário para a compreensão do processo de formação da comunidade. Isto porque as formas de luta e sobrevivência dos remanescentes devem

ser explicitadas para as gerações que não tiveram oportunidade de vivenciá-las.

Ora, se hoje os remanescentes de quilombolas têm seus direitos garantidos mediante a Constituição brasileira, deve-se lembrar que houve todo o um processo de lutas, conquistas e derrotas.

Ponderações sobre as comunidades quilombolas

No contexto nacional, as comunidades quilombolas paraibanas se destacaram por sua força de resistência ao escravismo. De acordo com Moura (1987), na Paraíba, o quilombo era a forma preferida de rebeldia no período colonial e durante o império. Os escravos fugiam para as matas, e a fuga era um processo comum para se conseguir a liberdade. Contudo, o estado português e depois o império não aceitavam as suas existências, determinando constantemente as suas destruições. A classe dominante paraibana sempre tentou combater a expansão dos quilombos na província valorizando modos de repressão que se expressavam por atos de crueldade e castigos corporais aos fugitivos. Como afirma Moura (1987), todo negro fugido que era encontrado passava a ser ferrado como um animal com a letra F na testa e era cortada uma orelha caso resistisse. Porém, os negros sempre resistiram ao processo de escravidão e mesmo existindo tais medidas, elas não tinham força para impedir a fuga dos escravos para os quilombos. Nesse sentido, são compreensíveis as estratégias dos quilombolas de lutar contra o sistema opressor. Apesar de muitos terem morrido lutando por liberdade,

Na Paraíba, em 1865, os escravos se rebelam ao verem as torturas a que um dos escravos presos fora submetido. Os demais presos atiram-se sobre a guarda, estabelecendo-se sério conflito, tendo morrido na luta os escravos Ildefonso, Félix, Tomás, e o guarda nacional Manuel dos Prazeres. Além desses mortos, houve vários feridos (MOURA, 1987, p. 21).

A partir desse breve relato histórico sobre a luta dos negros por sobrevivência, é possível compreender que na Paraíba, como em outros estados brasileiros eram cenários de brutalidade em relação aos negros. Contudo, os quilombos paraibanos conseguiram se expandir e se firmaram em territórios que na época de suas formações eram distantes das fazendas dos coronéis. No entanto, na atualidade, todos eles fazem limites com grandes fazendas.

Atualmente, os quilombos têm parceria com organizações sociais em prol das comunidades negras. Segundo Elio Flores (2014), os movimentos sociais na Paraíba impulsionaram o surgimento das seguintes entidades: Associação de Apoio às Comunidades Negras, Organização das Mulheres Negras da Paraíba e Associação das Mulheres Negras de Caiana dos Crioulos. Desta forma, essas entidades têm contribuído para que as comunidades de remanescentes quilombolas da Paraíba tenham melhores condições para reivindicar seus direitos, bem como formarem associações de moradores dentro de suas comunidades. De acordo com um professor da comunidade do Matão-PB, "Temos hoje na comunidade a maioria das

casas de alvenaria porque lutamos através da associação da comunidade” (informação verbal)⁵.

Assim, as organizações sociais, principalmente as associações comunitárias, são muito significativas para melhorar as condições de vida das comunidades quilombolas do Estado. Elio Flores (2014) entende que essas entidades comunitárias têm contribuído tanto para a divulgação de suas existências como para melhorar as informações que formam os bancos de dados de blogs e de site na Internet⁶. Portanto, esses grupos quilombolas da Paraíba vêm se destacando por conseguirem seus reconhecimentos legais e por lutarem pelos seus direitos de posse das terras.

De acordo com o Art. 2º do Decreto-Lei n. 4887/2003 em seu parágrafo primeiro diz que: “A caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade” (BRASIL, 2003b, art. 2).

Como afirmam (FLORES, p. 18, 2014), “com a comunidade conhecendo seus direitos, organizada, fortalecendo e sendo fortalecida pelo Movimento Quilombola e seus aliados, é possível avançar na garantia da regularização dos territórios”.

Portanto, através do Movimento Quilombola as comunidades remanescentes da Paraíba passaram a exigir o direito material da titulação de suas terras. Segundo Elio Flores (2014), os anos de 2005 a 2007 foram muito importantes para a constituição material dos direitos quilombolas

5 Entrevista concedida pelo Sr. Oxum à pesquisadora em 2015, em Matão-PB.

6 <<http://quilombosdaparaiba.blogspot.com.br>>. Nesse endereço, o usuário poderá obter informações sobre as comunidades remanescentes quilombolas da Paraíba.

na Paraíba. Foi nesse período que muitas comunidades conseguiram a certificação da Fundação Cultural Palmares como comunidade remanescente de quilombos, como, por exemplo, Engenho do Bonfim, Matão, Pedra d'Água, Santa Teresinha, Caiana dos Crioulos, entre outras.

Segundo a Fundação Cultural Palmares, até dezembro de 2015, a Paraíba possuía 37 comunidades reconhecidas de povos remanescentes de Quilombo, localizadas desde o litoral até o sertão Paraibano.

Nesse panorama, a Associação de Apoio aos Assentamentos e Comunidades Afrodescendentes (AACADE) foi muito importante no processo de certificação das comunidades paraibanas. Como afirma Elio Flores:

Após fazer a localização das comunidades, a AACADE se disponibiliza em visitá-las enquanto comunidades rurais negras. Nestas eles se empenham em realizar reuniões com o intuito de conscientizá-los de especificidades e de situações desafiadas. Esse trabalho muitas vezes culmina em um período de envio à Fundação Palmares (FCP), de autorreconhecimento enquanto comunidade rural quilombola. (FLORES, p. 65, 2014). Assim, a AACADE é uma das entidades sociais mais significativas no processo de auto reconhecimento quilombola na Paraíba, não apenas para obter a posse de terras, mas sobretudo para auxiliar na organização social das comunidades.

De acordo com o I Seminário de Mulheres Negras realizado em 2011, em João Pessoa, a Paraíba ofertava escolas dentro de comunidades remanescentes de quilombo. No entanto, estas escolas funcionavam de maneira precária.

O Plano Estadual da Educação Básica da Paraíba vigente para os anos 2015-2024 relata que 72,1% destas escolas estavam localizadas em comunidades remanescentes quilombolas, mas ainda 31,4 estão localizadas fora das comunidades. Estes dados são preocupantes, uma vez que estas instituições de ensino são do primeiro ciclo da educação básica. Isto significa que as crianças para continuar seus estudos têm de se deslocar para outros lugares, em outras comunidades mais distantes. Além disso, na maioria das vezes não são evidenciadas no currículo destas instituições de ensino as questões de sua identidade, da história e da cultura negras.

Como afirma o Plano Estadual de Educação (2015-2024), “na maioria das escolas de comunidades quilombolas, é adotado o sistema multisseriado e, por consequência, a qualidade de ensino está abaixo da média nacional” (PARAÍBA, 2015, p. 128).

A elaboração das sequências de conteúdos

A partir reuniões realizadas com as professoras e o gestor da E. M. E. F. José Rufino dos Santos, foi estudada a possibilidade de auxiliá-las no processo de desenvolvimento de atividades educativas que valorizassem a história e cultura do Matão. Logo, estabelecemos que era necessário ofertarmos uma oficina, intitulada “MEMÓRIAS DE IDOSOS QUILOMBOLAS: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NUMA PERSPECTIVA DE

RESSIGNIFICAÇÃO IDENTITÁRIA”, cujo objetivo principal foi auxiliar os professores da comunidade a ressignificar a identidade dos estudantes a partir das memórias dos idosos da comunidade do Matão-PB.

Desta oficina resultou a sequência de conteúdos que se encontra abaixo. Ela foi elaborada pelos professores no diálogo com a pesquisadora Marta e seu orientador Prof. Dr. João B. G. Bueno. Partindo das memórias dos idosos do Matão as professoras das escolas básicas propuseram as seguintes intervenções curriculares:

QUADRO 02: Proposta dos conteúdos a serem inseridos no currículo da escola.

Conteúdos	Referências
(a) Religião de matriz africana; 1º bimestre	Memórias das rezadeiras; Trabalhar questões de religiosidade local e as religiões de matriz africana; As traíções e as ervas utilizadas para a cura e os benzimentos.
(b) Território e territorialidade; 1º bimestre	Memória das relações de poder; luta pela terra e sobrevivência dos quilombolas; Como se dava o trabalho nas fazendas; As relações entre as pessoas da comunidade e os fazendeiros; O espaço territorial do quilombo; história das conquistas em relação a posse da terra.
(c) Organização social comunitária; 2º bimestre	Memórias das relações familiares quilombolas; Quem são as famílias que compõem a comunidade. Como se dão as uniões afetivas; A associação comunitária do Matão
(d) Costumes e tradições quilombolas; 3º bimestre	Memórias das festividades; que festas ocorrem na comunidade e na escola. Festas religiosas e pagãs

(e) Saberes e fazeres dos quilombolas. 4º bimestre	Memórias dos trabalhos das parteiras da comunidade; plantas medicinais. Que conhecimentos existem no local, de medicina, de trabalho e conhecimentos que passam de pai pra filho.
--	---

Fonte: Elaboração de Marta Oliveira Barros

Considerações finais

Os resultados de nossos estudos revelaram as experiências de vida desta comunidade quilombola paraibana. Isto fez com que passássemos a valorizar a diversidade de experiências vividas neste local que se expressaram pelas memórias e desejos dos moradores do povoado do Matão. Este estudo também trouxe a luz aspectos que revelavam como se davam as sensibilidades, as emoções e como esses sujeitos lutavam para preservar suas tradições. Percebemos que tudo isso eram saberes locais e que poderiam ser compreendidos como produtores e como parte de culturas singulares, pois se originavam dos conhecimentos do passado na relação com as experiências vividas dos indivíduos que compõem a comunidade. Compreendemos também, que essas experiências eram resultantes de processos de resistência às dominações racistas e excludentes que foram impostos à essas comunidades. Por essa razão, são saberes subalternos que são o resultado das reelaborações de diferentes significações e tradições, bem como possibilitam uma compreensão do mundo de forma muito mais ampla. A partir dessas pesquisas, também criamos e disponibilizamos um quadro de sequências de conteúdos didáticos que podem auxiliar na exploração escolar das diferentes temáticas que fazem parte da constituição das culturas quilombolas.

Ao fazermos essas ações procuramos revelar diferentes temas que podem ser trabalhados em sala de aula e que expressam formas de resistências, de concepções de mundo e de experiências de trabalho. Partindo dessa perspectiva, pudemos conjuntamente estudar quais eram os livros didáticos de História e Geografia utilizados desta escola, discutindo com as professoras formas alternativas de usos desses instrumentos de ensino. Fizemos isso pois na oficina, também lançamos mão de estudos sobre os tipos de representações iconográficas e textuais que trazem representações sobre os negros e como os conteúdos locais que foram selecionados para serem estudados podem se associar aos temas transversais que fazem parte dos currículos oficiais das escolas. Todas as análises nos confirmaram a ideia de que os processos de exploração econômica sofridos na Paraíba e em especial pelos negros quilombolas, alteraram as vidas dos sujeitos, provocaram mudanças dos seus costumes e modificaram suas práticas de trabalho. Acrescentamos que esta pesquisa pode ainda ser enriquecida por mais depoimentos orais e por documentos impressos, jornais, revistas e iconografias, procurando indícios de correspondências dos saberes produzidos no passado, das ausências e das emergências (BOAVENTURA), ou seja, os saberes e formas de ver o mundo que resistem aos processos de modernização capitalista.

Finalmente entendemos que foi a partir dessas discussões que compreendemos que as memórias dos idosos quilombolas são prenhes de sensibilidades e ressentimentos, revelando que existiram momentos difíceis de opressão e de luta. Além disso, que os silêncios aparentes também poderiam revelar acepções históricas e culturais.

Desta forma, é aceitável entender porque as memórias dos idosos são importantes no fortalecimento da identidade cultural quilombola, pois suas experiências de vida e seus saberes são fundamentais para que as futuras gerações consigam fazer novas construções sobre história de sua comunidade.

Passamos também a entender que pela escola é possível contribuirmos para a manutenção da cultura quilombola, propiciando por meio dessa instituição a criação das noções de empoderamento dos jovens estudantes dentro de seu contexto sociocultural. Neste sentido o que se aprende na escola está diretamente ligado ao processo de identidade dos estudantes.

Referências

BARROS, Marta Oliveira. Memórias de Idosos Quilombolas como Recurso didático: Escola Básica do Quilombo de Matão - PB. Dissertação de mestrado. PPGFP/UEPB. Campina Grande - PB.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura.** 3. ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1).

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber - Elementos para uma teoria.** Porto Alegre: Editora Artmed.2000

DELGADO, Lucilia de A. N. **História oral: memória, tempo, identidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DUSSEL, Enrique. *Filosofia de la Liberacion.* Bogotá: Editorial Nueva America, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FLORES, Elio Chaves. Quilombolas na Paraíba. In: _____ et al. **Diversidade Paraíba: Indígenas, religiões afro-brasileiras, quilombos, ciganos.** 1. ed. João Pessoa: Grafset, 2014. v.1. p. 78-109.

HALL, Stuart. The West and the rest: discourse and power. In: Hall et al. (orgs.), **Modernity: introduction to the modern societies,** Oxford, Blackwell, pp. 185-227, 1996.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro, Editora DP&A, 2014.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação.** 5. ed. São Paulo: Ática, 2013.

MOURA, Clóvis. **Quilombo: Resistência ao escravismo.** São Paulo: Ática, 1987.

PARAÍBA (Estado). **Relatório: I Seminário Estadual de Políticas Públicas para Comunidades Quilombolas do Estado da Paraíba.** João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba, Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana, dez. 2011. Disponível em: <[http://www.cchla.ufpb.br/neabi/pdf/Quilombos%20\(Rel%202011\).pdf](http://www.cchla.ufpb.br/neabi/pdf/Quilombos%20(Rel%202011).pdf)>. Acesso em: 15 mai. 2015.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria: ou um planetário de erros.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.